

Times sugere saída

Dívida Externa

30/6/87, TERÇA-FEIRA • 11

de FMI do Brasil

Nova Iorque — O jornal **New York Time** Pediu ontem num editorial aos credores do Brasil que convençam o governo Sarney a insistir nas medidas de saneamento econômico mas sem chegar a um ponto que prejudique a democracia.

Depois de fazer um resumo dos acontecimentos que levaram ao fracasso o Plano Cruzado, o Times diz um «plano convencional» para fazer frente a um ritmo inflacionário de quatro dígitos e a um precipitado declínio das reservas. Isto incluiu a admissão da necessidade de um tratamento com o FMI com pressuposto para a restauração das obrigações da dívida.

«Os credores estrangeiros podem servir aos seus próprios interesses dando ao governo brasileiro o máximo de espaço para manobrar politicamente. O FMI poderia, por exemplo, delegar a fiscalização do plano de retoma a outra agência, uma que não seja vista pelos brasileiros como uma subordinação aos estrangeiros», aconselha o editorial.

«O Brasil possui os recursos e

espírito necessários para transformar-se numa potência econômica. Contudo, não ficou ainda claro se seu governo pode impor a disciplina necessária para alcançar esse potencial. Os credores devem dar ao Brasil todas as oportunidades de provar sua maioria política», diz o Times.

Condenado

«Atordoado por uma inflação de quatro dígitos e um declínio vertiginoso em suas reservas cambiais, o Brasil resolveu apertar o cinto. É uma notícia bem-vinda. Após o fracasso da economia de dar alguma coisa para todos, o Brasil necessita urgentemente de uma dose de austeridade. A tarefa dos credores é persuadir o governo a manter-se no caminho das reformas, mas não pressioná-lo a ponto de solapar a frágil economia do país» acentua o Times.

«Há dois anos, o Brasil tropeçava ao peso de uma inflação de 400 por cento e uma dívida externa de 100 bilhões de dólares. Os economistas ortodoxos reclamavam soluções ortodoxas: orçamento equilibrado e rigidez monetária. Mas os tecnocratas do

Brasil, treinados por norteamericanos, insistiram que as estatísticas mascaravam a pujança de economia.

«Seu plano, adotado em fevereiro de 1986, congelou temporariamente os preços e salários e deu novo nome à moeda. Por um breve período, o Plano Cruzado pareceu funcionar; na realidade, o plano estava condenado desde o início pela decisão do presidente Sarney de conquistar os eleitores de renda média com um grande aumento salarial».

«Em fevereiro, o governo foi obrigado a abandonar o plano e suspender os pagamentos de juros de uma parte de sua dívida externa».

«O novo ministro da Fazenda está tentando uma abordagem convencional. Os preços e salário foram novamente congelados, mas desta vez os gastos estão sendo também cortados, as tarifas dos serviços públicos subiram e a moeda foi desvalorizada. A questão agora é saber se um governo debilitado será capaz de sustentar reformas que exigem sacrifícios reais», conclui o jornal.